



O MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & c.
Comp, rua d'Alfaudaga n. 135.— Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 18 DE ABRIL DE 1852.

O PASSEIO DOS TREZ OU UM ROMANCE A' MODA.

I.

A rapaziada é o primeiro elemento da organização social. E' um theorema este que não carece de demonstração; é uma verdade, tão evidente, que so escapa ao triste que arregallando os olhos à maneira de quem delira, está prestes a *bater a asa*

Digão o que quizerem, o rapaz é o primeiro homem do mundo, ou ao menos é o representante da mais bella parte da humanidade: é o homem apresentado debaixo da sua melhor face. Compulsador de todas as gerações, investigador de todas as idades, elle se apresenta como o sabio da epocha, e espicha a meia duzia que lhe fallem em sciencia.

Sciencia! que sciencia podem expor ao gaiato, que pretende em politica dar quinaos a esse profundo preceptor de Cezar Borgia, mostra os erros dos mais sabios imperantes, e em bellas artes apontar defeitos nos maiores mestres de todos os seculos ?

Nem pode haver duvida, o rapaz é o rei da occazião. Ensaaiemos uma scena.

Ve-se uma sociedade: por toda a parte bellas de todas as bellezas, feias de todas as feialdades, homens de todos os feitios, dimensões e volumes, riquezas, ouro, pedras, tudo quanto em taes cazos exprime ás vezes n'um ponto a natureza. Falta porem um *quid* ou antes um *maximum*. falta a rapaziada; tudo será frio, as bellas ficarão sentidas, tristonhas e insipidas, as velhas aborrecidas a não poder mais, e os velhos desapontados.

Apparece porem a — bella classe, — tudo muda como que por encanto; as bellas embebem-se nos olhos dos patuscos, como se vissem alli o seu mundo, folgão, e ficão ainda mais bellas; Tudo se anima com a apparição dos rapazes, todos os cercão, todos os lisongeão, e elles, fazem tudo brilhar com a luz da mocidade. Sò os velhos fogem delles, mas é — por experiencia — é por não se que- rerem meter em camizas de onze varas.

Triste do velho que se arriscasse entre a rapaziada! e se elle quisesse argumentar armado com a sua fronte de neve? vejamos.

Encetão uma questão; o jarreta discute com o seu fallar sinistro e compassado, com a razão misterios do seu pensamento; o rapaz falla com o ardor pouco leniado da sua idade, com a sua imaginação brilhante, e com seu ar tão caracteristico! um leva a questão por um caminho limitado, o outro torce-a para o lado que mais lhe convem; o primeiro falla, como que aconselhando, ou pregando sermões, o segundo grita como se fallara ao mundo acena de mil modos, e põe o adversario tonto. Dahi a pouco com suas razões terá o moço levado a parede o velho, que se retira como a rapoza de La Fontaine.

Desculpem se não puzemos em questão tambem uma velha è qualidade de gente que não é para graças, nunca se dão por vencidas; e fallão até rebentar como as cigarras em tempo de natal.

Pois é da rapaziada, é desta classe que tudo quer e que tudo pode e que realiza mesmo aquillo que está mais profundamente occulto nas dobras do pensamento, é destes verdadeiros representantes das ideias sociaes que se forma o mysterioso grupo dos — Trez — de que nos vamos occupar e descrever o passeio.

—Chegou ao meo conhecimento uma tremenda reprehensão passada pelo Sr. Inspector d'Alfandega a um despachante publicamente, qualquer que fosse o motivo acho-a fóra de prudencia e delicadeza que deve ter um homem de elevada posição para com aquelles que lhe ficam um pouco abaixo; segundo me consta SS. não foi justo.

A. Ambrozio P. Pitorra.

CUPIDO

✉ Damos publicidade a esta carta por muito empenho de uma certa pessoa que a vio na mão de uma preta lavadeira, quando estava visitando a calça de certo estudante do collegio de P.... 2. —lá vai com toda asua orthographia, prosodia e etimologia

Meu Bemsinho

Estimarei que tenha paca do bem companhia da sua madrinha resibi u su presente que lhe fico muto brigado me parese que não me caso com vósse porque mi dicerio que vosse tinha dado palavra a outra pessoa i que lhe tem mandado carta i vosse lha tem respondido todas eu lhe tinha dado u meu coração era a quem u amava mais do que minha Mãe eu não pensei que vose mi fose tom forca assim e minha tenção de domingo é falar com sui pai para lhe pedir para ser minha esposa mais temho visto que e tempo perdido porque seu coração não e meu e de outra pessoa tudo is to me dise huma pessoa que e sua vizinha por mi ver tão a flito pelo seu respeito i mi mandou um earta mi contando tudo isto eu the mando diser que eu estou esperando a sua respota e ser-teza da sua Madrinha si isto e verdade ou não pois eu não passo mais pela sua porta ingquanto eu não saber da sua respota guro pela abença de Meu Pai que eu lhe amo muito.

Seu Am.

RV. 33211.

ESTE NÃO É MAO.

Devo levar à publicidade este fructo que tem em si algum interesse, e mesmo é acompanhado de certas circumstancias dignas, de reparo.

Indo uma destas tardes um guarda livros nosso conhecido, e de uma caza de negocio tambem do nosso conhecimento, a' loja de um marceneiro da rua do Cano a fim de saldar uma conta que este devia a caza de seu amo, por fornecimento de madeiras [julgamos] o resultado foi haver uma altercação entre elles provocada pelo marceneiro a ponto que este aticando alguns socos na cara do outro, lhe atirou por fim com um martello, e nisto vierão os officiaes da caza apartar aquella desordem que ja tomava um caracter serio. O cobrador retirou-se, sem dinheiro, mas indo a caza do Inspector respectivo não o achou em caza. Procurou um desses — tratadores de papeis e com elle se aconselhou.

O tal dice que nada podia fazer sem trez testemunhas de vista e duas de ouvir dizer, que escusado era ir ao Chefe de policia por que elle mandava requerer na forma da lei finalmente que o melhor era procurar de novo o inspector a ver se se podia colher alguns esclarecimentos que ajudassem a justiça em tal cazo.

O amo do rapaz prompto a gastar a fim de dar uma lição ao tal — garimpeiro, vio-se afflicto pelos resultados infructiferos de seus desejos: O inspector tendo ido depois indagar negarão todos as circumstancias e tudo. Ora eis ahi um facto que precisa bem uma justiça da roça, pois que a da cidade é tão cheia de passagens e garidices. Seria bem bom que o offendido fosse as ventas do outro em qualquer parte que o encontrasse? Que culpa tinha elle que seu amo lhe mandasse receber contas de quem não lhe pagava?!

Entre tanto não está má maneira de saldar contas Sr. Marceneiro, levando os cobradores para o fundo da loja socando-lhe a cara, e insultando-os. Tome cuidado com a pelle já que ladra só na sua porta.

O Serrote

—A Significação do anagramma ultimo— é apaixonadamente

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE E. A. RIBEIRO & COMP.
Rua d'Alfandega n.º 135.

FOLHETIM DO MAGICO.

(Continuação do numero 22)

Si esta sentença fosse dada contra mim, eu não teria por certo mais medo, à estas palavras o Marquez lançando-se à seus pés, e eu igualmente pedindo-lhe o perdão deste pobre Marquez, ella me dice, que não podia, e que este traidor era mais culpado e criminoso, que aquelles condemnados ao suplicio da roda; que elle sabia bem, que ella lhe tinha comunicado, como a um fiel vassallo, seus mais importantes negocios, e seus pensamentos mais secretos, alem de que ella não queria lançar-lhe em rosto os beneficios, que ella lhe tinha feito, que excedião os que ella poderia fazer a um irmão, tendo o olhado sempre como tal, e que a sua consciencia sò lhe deveria servir de verdugo.

Depois que a rainha sábio, o marquez lançou-se a meus pés, e pedio-me com instancia de ir ter com Sua Magestade e alcançar o seu perdão. Os trez homens apressavão-no para que se confessasse, com a espada apontada aos peitos, sem com tudo tocal-o, e eu com lagrimas nos olhos, o exhortava a pedir perdão. O chefe dos trez sahio para ir ter à sua Magestade, pedir-lhe o seu perdão, e implorar sua misericordia para o pobre marquez: mas voltando triste porque, sua ama lhe havia ordenado de abrevial-o, lhe dice chorando.

— Marquez, cuidai em Deos è forçozo morrer.

A estas palavras, como fôra de si, o Marquez se lançou a meus pés uma segunda vez, pedindo-me de ir ainda mais uma vez à rainha, tentar o meio da graça, e do perdão; o que fiz, encontrando Sua Magestade em seu aposento com o rosto sereno, e sem signal algum de comoção.

Depois destas palavras Sua Magestade retirou-se, e me deixou com os trez homens, que tinham as espadas nuas com a intenção de acabar esta execução.

Aproximei-me d'ella, e deixando-me cahir á seus pés, com os olhos arrazados em lagrimas. e suffocado em soluços, supliquei-lhe pelas dores, e chagas de Christo de ter misericordia, e perdoar ao marquez.

A rainha mostrou-se sentida de não poder acceder à minha supplica, pela perfidia, e crueldade que o desgraçado lhe tinha querido infringir á sua pessoa, depois do que, elle não devera esperar jamais, nem remissão, nem graça. e repetio-me, que muitos tinham morrido na roda, que erão menos merecedores, que eu.

Vendo que não ganhava nada por meus rogos no espirito da rainha, tomei a liberdade de representar-lhe que ella estava em uma caza do rei de França, e que reflectisse no que mandava executar, pois talvez o rei não lhe levasse a bem. Ao que Sua Magestade me respondeu, que fazia esta justiça em prezença do altar, e que tomava Deus por testemunha, em como não tinha nenhuma má vontade á pessoa do marquez, e em como tinha deposto todo o odio, não tendo em vista senão seu crime, e sua traição, que era sem igual, e que tocava a todo o mundo: alem de que o rei não a hospedava em sua caza, como uma cativa refugiada; que era senhora das suas vontades para dar, e fazer justiça á seus criados em qualquer lugar, e em qualquer tempo; que respondia de suas acções somente a Deus, accrescentando que o que ella fazia não era sem exemplo.

Repliquei-lhe que havia alguma differença, que se os reis tinham feito alguma coiza semelhante, tinham feito em suas cazas, e não em caza de outrem.

Mal acabei estas palavras, que me arrependi, reciando ter instado de mais com a rainha. Retirando-me, disse-lhe ainda:

— Senhora pela honra, e pela estima que vos justamente tendes adquirido em França e, pela esperanza que todos os bons Francezes tem de vossa negociação, eu supplico humildemente a Vossa Magestade de evitar que esta acção, ainda que no vosso alto saber seja de justiça, não passe comtudo no espirito humano por violenta, e por precipitada.

Fazei antes um acto generoso, de mizericordia para este pobre marquez, ou ao menos entregai-o ás mãos da justiça do rei, fazei-lhe um processo em forma, e obtereis

toda a satisfação, e conservareis, senhora, o título admiravel que alcançastes por todas as vossas acções entre os homens.

— Que, meu padre, me diz a rainha, eu, em quem deve residir a justiça absoluta, soberana sobre meus vassallos, ver-me obrigada a sollicital-a para um criado traidor, cujas provas do crime, e de sua perfidia tenho em meu poder, escritas e assignadas por seu punho?

— E' verdade. Senhora, lhe digo, mas Vossa Magestade é n'isso meia interessada.

•A rainha interrompeo-me dizendo-me :

— Não, não, meu padre,, eu vou participal-o ao rei; voltaí, e tende cuidado da alma do marquez, não posso em consciencia conceder o que pedís.

E mandou-me retirar, mas eu conheci á mudança de sua voz nas ultimas palavras que se ella pudesse defferir a acção, e mudar de lugar, ella o teria feito indubitavelmente. Mas a coiza estava muito adiantada para tomar uma outra resolução sem se pôr em risco de deixar fugir o marquez, e pôr a sua propria vida exposta ao accazo.

N'este extremo eu não sabia o que fazer, e a que me resolver.

Retirar-me, eu não podia, e quando pudesse fazer, via-me forçado por um dever de caridade, e de consciencia, a socorrer o marquez, e a dispol-o a bem morrer.

Voltei pois para a galeria, e abraçando o pobre infeliz, que se banhava em pranto, exhortei-o com os termos melhores, e mais caridozos, que pude, e que aprouve a Deos inspirar-me, de se resolver a morrer, e a cuidar em sua consciencia, pois que não havia mais n'este mundo esperança de vida para elle, e que offerecendo, e sofrendo sua morte por justiça, devia em Deos so empregar suas esperanças para a eternidade, onde acharia por certo consolações.

A' esta triste noticia, depois de ter dado trez grandes gritos, poz-se de joelho á meus pés, assentando-me eu em um dos bancos da galeria, e começou a sua confissão mas tendo-o bem adiantada, ainda se levantou duas vezes gritando. No mesmo instante eu lhe mandei fazer alguns actos de fé, renunciando a todos os pensamentos contrários: emfim acabou sua confissão em latim, francez, e italianno, como melhor podia explicar-se na perturbação em que se achava. O esmoler da rainha chegou, quando eu o interrogava esclarecendo uma duvida, e o marquez vendo-a, sem esperar absolvição foi-se a elle na esperança da graça, e perdão. Fallarão baixo muito tempo juntos, de mãos dadas, e retirados á nm canto: e depois de acabada a conferencia, o esmoler sahio, levando consigo o chefe dos trez commetidos para a execução: e pouco depois tendo o esmoler ficado de fora, entrou o outro e lhe dice:

— Marquez, pede perdão a Deos, porque sem mais esperar é preciso morrer. Estaes confessado?

Dizendo estas palavras levou-o de encontro á parede da extremidade da galeria, onde estava o quadro de S. Germano, e eu não pude me voltar tão promptamente, que deixasse de ver, que elle lhe deu um golpe no lado direito do estomago; e que o marquez, querendo amparal-o, pegou com a mão direita na espada, e que o outro puxando-a para si lhe cortou trez dedos, ficando ella curvada: então fez signal ao outro, que estava armado por baixo, em verdade tinha uma camiza de malhas, que pezava nove a dez libras, e o mesmo immediatamente renovou o golpe no rosto, depois do qual o marquez gritou:

— Meu padre!! meu padre!!



Continua.

FOLHETIM DO MAGICO.

(Continuação do numero 22) .

Aproximei-me d'elle, e os outros se retirarão um pouco á parte, e então com um joelho em terra pedio perdão a Deos, e me disse ainda alguma coiza, depois do que lhe dei a absolvição com a penitencia de soffrer a morte como remição de seus peccados, e de perdoar à aquelles, que o mandavão matar. Recebida a absolvição, elle tirou-se no chão, e quando ia caindo, um outro lhe deu um golpe no alto da cabeça, que lhe cortou ossos; e estando deitado sobre o ventre, fazia signal, que se lhe cortasse o pescoço, o que vendo o mesmo homem lhe repetio dois, ou trez golpes no pescoço sem lhe fazer grande mal; porque a camiza de malha, que subia até a golla do gibão, amparou, e impedio a força do golpe; entretanto eu o exhortava a lembrar-se de Deus, e a de soffrer com paciencia. N'este tempo o mandante dos trez veio perguntar-me, se mandal-o-hia acabar; respondi-lhe asperamente, e dice-lhe, que não tinha conselhos a dar-lhe a esse respeito, que pedia a sua vida, e não sua morte; ouvindo isto pedio-me perdão, e confessou ter sido um erro de sua parte, fazer-me tal pergunta.

Pobre marquez, que não esperava senão o ultimo golpe, ouvio n'este instante abrir-se a porta da galeria, e tomando novo animo, voltou-se, e vendo que era o esmoler, que entrava, arrastou-se o melhor que pôde, apegando-se á parede da galeria, e pedio para fallar lhe. O esmoler passou pela esquerda do marquez, eu estava á direita, e o marquez voltando-se para o esmoler, e juntando as mãos, lhe dice alguma couza como quem se confessava, depois do que o esmoler lhe mandou pedir perdão á Deus, e com minha permissão lhe deu de novo a absolvição, e retirou-se, dizendo-me, para ficar junto do marquez, que elle hia ver a rainha da Suecia. No

mesmo tempo aquelle, que tinha ferido no pescoço ao dito marquez, e que estava com o esmoler á sua esquerda, lhe passou a garganta com uma espada longa, e estreita, de cujo golpe o marquez cahio do lado direito, e não fallou mais, mas ficou mais de um quarto d'hora a respirar, durante o qual eu exortei, e o melhor que pude. E assim o marquez perdendo todo o seu sangue acabou a vida às trez horas, e trez quartos da tarde.

Rezei-lhe o de profundis com a oração, e depois o chefe dos trez mecheo-lhe a perna, e o braço, dezabotoou-lhe o calção e as ceroulas; remecheu-lhe nas algibeiras, e não achou nada, senão em uma algibeira um livro Horas-Mariannas, e uma faca pequenina. Depois retirarão-se todos trez, e eu atraz d'elles para receber ordens de Sua Magestade.

A rainha segura da morte do dito marquez, mostrou pesar de se ver obrigada a ordenar a sua execução; mas dizia ella era justiça fazel-o por cauza de seu crime, e sua traição, de cuja execução ella pedia perdão a Deus. Ordenou-me então de mandal-o tirar d'ali, e de enterral-o, dizendo-me que pretendia mandar dizer missas pelo repouzo de sua alma. Mandeilhe fazer caixão, e depois pol-o em um carro, por cauza do sereno, do pezo, e do máu caminho, mandei-o conduzir á freguezia de Avon pelo meu vigario e capellão, acompanhado com trez homens com ordem de enterral-o na Igreja perto da pia; o que foi feito, e executado ás cinco horas, e trez quartos da tarde.

A's dez horas Suenon passava por esta mesma galeria, e subia a escada por onde Marianna tinha sido roubada.

Tal foi o desfecho sanguinolento deste drama terrivel.

